

## CAPÍTULO V

# Das Manifestações Físicas Espontâneas

---

82. São provocados os fenômenos de que acabamos de falar. Sucede, porém, às vezes, produzirem-se espontaneamente, sem intervenção da vontade, até mesmo contra a vontade, pois que freqüentemente se tornam muito importunos. Além disso, para excluir a suposição de que possam ser efeito de imaginação sobreexcitada pelas idéias espíritas, há a circunstância de que se produzem entre pessoas que nunca ouviram falar disso e exatamente quando menos por semelhante coisa esperavam.

Tais fenômenos, a que se poderia dar o nome de Espiritismo prático natural, são muito importantes, por não permitirem a suspeita de conivência. Por isso mesmo, recomendamos, às pessoas que se ocupam com os fatos Espíritas, que registrem todos os desse gênero, que lhes cheguem ao conhecimento, mas, sobretudo, que lhes verifiquem cuidadosamente a realidade, mediante pormenorizado estudo das circunstâncias, a fim de adquirirem a certeza de que não são joguetes de uma ilusão, ou de uma mistificação.

### **Ruídos, barulhos e perturbações.**

83. De todas as manifestações espíritas, as mais simples e mais freqüentes são os ruídos e as pancadas. Neste caso, principalmente, é que se deve temer a ilusão, porquanto uma infinidade de causas naturais pode produzi-los: o vento que sibila ou que agita um objeto, um corpo que se move por si mesmo sem que ninguém perceba, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto, etc., até mesmo a malícia dos brincalhões de mau gosto. Aliás, os ruídos espíritas apresentam um caráter especial, revelando intensidade e timbre muito variado, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem sejam confundidos com os estalidos da madeira, com as crepitações do fogo, ou com o tique-taque monótono do relógio. São pancadas secas, ora surdas, fracas e leves, ora claras, distintas, às vezes retumbantes, que mudam de lugar e se repetem sem nenhuma regularidade mecânica. De todos os meios de verificação, o mais eficaz, o que não pode deixar dúvida quanto à origem do fenômeno, é a obediência deste à vontade de quem o observa. Se as pancadas se fizerem ouvir num lugar

determinado, se responderem, pelo seu número, ou pela sua intensidade, ao pensamento, não se lhes pode deixar de reconhecer uma causa inteligente. Todavia, a falta de obediência nem sempre constitui prova em contrário.

84. Admitamos agora que, por uma comprovação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos, ou outros efeitos quaisquer, são manifestações reais: será racional que se lhes tenha medo? Não, decerto; porquanto, em caso algum, nenhum perigo haverá nelas. Só os que se persuadem de que é o diabo que as produz podem ser por elas abalados de modo deplorável, como o são as crianças a quem se mete medo com o lobisomem, ou o papão. Essas manifestações tomam às vezes, forçoso é convir, proporções e persistências desagradáveis, causando aos que as experimentam o desejo muito natural de se verem livres delas. A este propósito, uma explicação se faz necessária.

85. Dissemos atrás que as manifestações físicas têm por fim chamar-nos a atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma força superior ao homem. Também dissemos que os Espíritos elevados não se ocupam com esta ordem de manifestações; que se servem dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nos utilizamos dos nossos serviçais para os trabalhos pesados, e isso com o fim que vamos indicar.

Alcançado esse fim, cessa a manifestação material, por desnecessária. Um ou dois exemplos farão melhor compreender a coisa.

86. Há muitos anos, quando ainda iniciava meus estudos sobre o Espiritismo, estando certa noite entregue a um trabalho referente a esta matéria, pancadas se fizeram ouvir em torno de mim, durante quatro horas consecutivas. Era a primeira vez que tal coisa me acontecia. Verifiquei não serem devidas a nenhuma causa accidental, mas, na ocasião, foi só o que pude saber. Por essa época, tinha eu freqüentes ensejos de estar com um excelente médium escrevente. No dia seguinte, perguntei ao Espírito, que por seu intermédio se comunicava, qual a causa daquelas pancadas. *Era*, respondeu-me ele, *o teu Espírito familiar que te desejava falar*. - Que queria de mim? Resp.: Ele está aqui, pergunta-lhe. - Tendo-o interrogado, aquele Espírito se deu a conhecer sob um nome alegórico. (Vim, a saber, depois, por outros Espíritos, que pertence a uma categoria muito elevada e que desempenhou na Terra importante papel.) Apontou erros no meu trabalho, indicando-me *as linhas* onde se encontravam; deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu chamado todas as vezes que o quisesse interrogar. A partir de então, com efeito, esse Espírito nunca mais me abandonou. Dele recebi muitas provas de grande superioridade e sua intervenção *benévola e eficaz* me foi manifesta, assim nos assuntos da vida material, como no tocante às questões metafísicas. Desde a nossa primeira entrevista, as pancadas cessaram. De fato, que desejava ele? Pôr-se em comunicação regular comigo; mas, para isso, precisava de me avisar. Dado e explicado o aviso, estabelecidas as relações regulares, as pancadas se tomaram inúteis. Dai o cessarem. O tambor deixa de tocar, para despertar os soldados, logo que estes se acham todos de pé.

Fato quase semelhante sucedeu a um dos nossos amigos. Havia algum tempo, no seu quarto se ouviam ruídos diversos, que já se iam tornando fatigantes. Apresentando-lhe ocasião de interrogar o Espírito de seu pai, por um médium escrevente, soube o que queriam dele, fez o que foi recomendado e daí em diante nada mais ouviu. Deve-se notar que as manifestações deste gênero são mais raras para as pessoas que dispõem de meio regular e fácil de comunicação com os Espíritos, e isso se concebe.

## **Arremesso de objetos.**

87. As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas. Degeneram, por vezes, em verdadeiro estardalhaço e em perturbações. Móveis e objetos diversos são derribados, projetis de toda sorte são atirados de fora para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, ladrilhos são quebrados, o que não se pode levar à conta da ilusão.

Muitas vezes o derribamento se dá, de fato; doutras, porém, só se dá na aparência. Ouvem-se vozerios em aposentos contíguos, barulho de louça que cai e se quebra com estrondo, cepos que rolam pelo assoalho. Acorrem as pessoas da casa e encontram tudo calmo e em ordem. Mal saem, recomeça o tumulto.

88. As manifestações desta espécie não são raras, nem novas. Poucas serão as crônicas locais que não encerrem alguma história desta natureza. E fora de dúvida que o medo tem exagerado muitos fatos que, passando de boca em boca, assumiram proporções gigantescamente ridículas. Com o auxílio da superstição, as casas onde eles ocorrem foram tidas como assombradas pelo diabo e daí todos os maravilhosos ou terríveis contos de fantasmas. Por outro lado, a velhacaria não consentiu em perder tão bela ocasião de explorar a credulidade e quase sempre para satisfação de interesses pessoais. Aliás, facilmente se concebe que impressão podem fatos desta ordem produzir, mesmo dentro dos limites da realidade, em pessoas de caracteres fracos e predispostas, pela educação, a alimentar idéias supersticiosas. O meio mais seguro de obviar aos inconvenientes que possam trazer, visto não ser possível impedir-se que se dêem, consiste em tornar conhecida a verdade. Em coisas terríficas se convertem as mais simples, quando se lhes desconhecem as causas. Ninguém mais terá medo dos Espíritos, quando todos estiverem familiarizados com eles e quando os a quem eles se manifestam já não acreditem que estão às voltas com uma legião de demônios.

Na *Revue Spirite* se encontram narrados muitos fatos autênticos deste gênero, entre outros a história do Espírito batedor de Bergzabern, cuja ação durou oito anos (números de maio, junho e julho de 1858); a de Dibbelsdorff (agosto de 1858); a do padeiro das Grandes-Vendas, perto de Dièppe (março de 1860); a da rua des Noyers, em Paris (agosto de 1860); a do Espírito de Castelnaudary, sob o título de *História de um danado* (fevereiro de 1860); a do fabricante de São Petersburgo (abril de 1860) e muitas outras.

89. Tais fatos assumem, não raro, o caráter de verdadeiras perseguições. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante muitos anos, todas as manhãs encontravam suas roupas espalhadas, rasgadas e cortadas em pedaços, por mais que tomassem a precaução de guardá-las à chave. A muitas pessoas tem acontecido que, estando deitadas, *mas completamente acordadas*, lhes sacudam os cortinados da cama, tirem com violência as cobertas, levantem os travesseiros e mesmo as joguem fora do leito. Fatos destes são muito mais freqüentes do que se pensa; porém, as mais das vezes, os que deles são vítimas nada ousam dizer, de medo do ridículo. Somos sabedores de que, por causa desses fatos, se tem pretendido curar, como atacados de alucinações, alguns indivíduos, submetendo-as ao tratamento a que se sujeitam os alienados, o que os torna realmente loucos. A Medicina não pode compreender estas coisas, por não admitir, entre as causas que as determinam, senão o elemento material; donde, erros freqüentemente funestos. A história descreverá um dia certos tratamentos em uso no século dezanove, como se narram hoje certos processos de cura da Idade Média.

Admitimos perfeitamente que alguns casos são obra da malícia ou da malvadez. Porém, se tudo bem averiguado, provado ficar que não resultam da ação do homem, dever-se-á convir em que são obras, ou do diabo, como dirão uns, ou dos Espíritos, como dizemos nós. Mas de que Espíritos?

90. Os Espíritos superiores, do mesmo modo que, entre nós, os homens retos e sérios, não se divertem a fazer charivaris. Temos por diversas vezes chamado aqueles Espíritos, para lhes perguntar por que motivos perturbam assim a tranqüilidade dos outros. Na sua maioria, fazem-no apenas para se divertirem. São mais levianos do que maus, que se riem dos terrores que causam e das pesquisas inúteis que se empreendem para a descoberta da causa do tumulto. Agarram-se com freqüência a um indivíduo, comprazendo-se em o atormentarem e perseguirem de casa em casa. Doutras vezes, apegam-se a um lugar, por mero capricho. Também, não raro, exercem por essa forma uma vingança, como teremos ocasião de ver.

Em alguns casos, mais louvável é a intenção a que cedem. procuram chamar a atenção e pôr-se em comunicação com certas pessoas, quer para lhes darem um aviso proveitoso, quer com o fim de lhes pedirem qualquer coisa para si mesmos. Muitos temos visto que pedem preces; outros que solicitam o cumprimento, em nome deles, de votos que não puderam cumprir; outros, ainda, que desejam, no interesse do próprio repouso, reparar uma ação má que praticaram quando vivos. Em geral, é um erro ter-se medo. A presença desses Espíritos pode ser importuna, porém, não perigosa. Concebe-se, aliás, que toda gente deseja ver-se livre deles; mas, geralmente, as que isso desejam fazem o contrário do que deveriam fazer para consegui-lo. Trata-se de Espíritos que se divertem, quanto mais ao sério se tomarem às coisas, tanto mais eles persistirão, como crianças travessas, que tanto mais molestam as pessoas, quanto mais estas se impacientam, e que metem medo aos poltrões. Se todos tomassem o alvitre

sensato de rir das suas partidas, eles acabariam por se cansar e ficar quietos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, desafiando-os a fazerem tal ou tal coisa, de modo que, ao cabo de poucos dias, não mais voltaram.

Porém, como dissemos acima, alguns há que assim procedem por motivo menos frívolo. Daí vem que é sempre bom saber-se o que querem. Pedem-se qualquer coisa, pode-se estar certo de que, satisfeitos os seus desejos, não renovarão as visitas. O melhor meio de nos informarmos a tal respeito consiste em evocarmos o Espírito, por um bom médium escrevente. Pelas suas respostas, veremos imediatamente com quem estamos às voltas e obraremos de conformidade com o esclarecimento colhido. Trata-se de um Espírito infeliz, manda a caridade que lhe dispensemos as atenções que mereça. Se é um engraçado de mau gosto, podemos proceder desembaraçadamente com ele. Se um malvado devemos rogar a Deus que o torne melhor. Qualquer que seja o caso, a prece nunca deixa de dar bom resultado. As fórmulas graves de exorcismo, essas os fazem rir; nenhuma importância lhes ligam. Sendo possível entrar em comunicação com eles, deve-se sempre desconfiar dos qualificativos burlescos, ou apavorantes, que dão a si mesmos, para se divertirem com a credulidade dos que acolhem como verdadeiros tais qualificativos.

Nos capítulos referentes aos *lugares assombrados e às obsessões*, consideraremos com mais pormenores este assunto e as causas da ineficácia das preces em muitos casos.

91. Estes fenômenos, conquanto operados por Espíritos inferiores, são com freqüência provocados por Espíritos de ordem mais elevada, com o fim de demonstrarem a existência de seres incorpóreos e de uma potência superior ao homem. A repercussão que eles têm, o próprio temor que causam, chamam a atenção e acabarão por fazer que se rendam os mais incrédulos. Acham estes mais simples lançar os fenômenos a que nos referimos à conta da imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa outras. Todavia, quando objetos vários são sacudidos ou atirados à cabeça de uma pessoa, bem complacente imaginação precisaria ela ter, para fantasiar que tais coisas sejam reais, quando não o são.

Desde que se nota um efeito qualquer, ele tem necessariamente uma causa. Se uma observação fria e calma nos demonstra que esse efeito independe de toda vontade humana e de toda causa material; se, demais nos dá *evidentes* sinais de inteligência e de vontade livre, *o que constitui o traço mais característico*, forçoso será atribuí-lo a uma, inteligência oculta. Que seres misteriosos são esses? E o que os estudos espíritas nos ensinam do modo menos contestável, pelos meios que nos facultam de nos comunicarmos com eles.

Esses estudos, além disso, nos ensinam a distinguir o que é real do que é falso, ou exagerado, nos fenômenos de que não fomos testemunha. Se um efeito insólito se produz: ruído, movimento, mesmo aparição, a primeira idéia que se deve ter é a de que provém de uma causa inteiramente natural, por ser a mais provável. Tem-se então que buscar essa causa com o maior cuidado e não

admitir a intervenção dos Espíritos, senão muito cientemente. Esse o meio de se evitar toda ilusão. Um, por exemplo, que, sem se haver aproximado de quem quer que fosse, recebesse uma bofetada, ou bengalada nas costas, como tem acontecido, não poderia duvidar da presença de um invisível.

Cada um deve estar em guarda, não somente contra narrativas que possam ser, quando menos, acoimadas de exagero, mas também contra as próprias impressões, cumprindo não atribuir origem oculta a tudo o que não compreenda. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos à primeira vista estranhos e seria verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em derribar móveis, quebrar louças, provocar, enfim, as mil e uma perturbações que ocorrem nos lares, quando mais racional é atribuí-las ao desazo.

92. A explicação dada do movimento dos corpos inertes se aplica naturalmente a todos os efeitos espontâneos a que acabamos de passar revista. Os ruídos, embora mais fortes do que as pancadas na mesa, procedem da mesma causa. Os objetos derribados, ou deslocados, o são pela mesma força que levanta qualquer objeto. Há mesmo aqui uma circunstância que apóia esta teoria. Poder-se-ia perguntar onde, nessa circunstância, o médium. Os Espíritos nos disseram que, em tal caso, há sempre alguém cujo poder se exerce à sua revelia. As manifestações espontâneas muito raramente se dão em lugares ermos; quase sempre se produzem nas casas habitadas e por motivo da presença de certas pessoas que exercem influência, sem que o queiram. Essas pessoas ignoram possuir faculdades mediúnicas, razão por que lhes chamamos *médiuns naturais*. São, com relação aos outros médiuns, o que os sonâmbulos naturais são relativamente aos sonâmbulos magnéticos e tão dignos, como aqueles, de observação.

93. A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de aptidão especial para a produção destes fenômenos parece necessária, na maioria dos casos, embora alguns haja em que, ao que se afigura, o Espírito obra por si só. Mas, então, poderá dar-se que ele tire de algures o fluido animalizado, que não de uma pessoa presente. Isto explica porque os Espíritos, que constantemente nos cercam, não produzem perturbação a todo instante. Primeiro, é preciso que o Espírito queira, que tenha um objetivo, um motivo, sem o que nada faz. Depois, é necessário, muitas vezes, que encontre exatamente no lugar onde queira operar uma pessoa apta a secundá-lo, coincidência que só muito raramente ocorre. Se essa pessoa aparece inopinadamente, ele dela se aproveita.

Mesmo quando todas as circunstâncias sejam favoráveis, ainda poderia acontecer que o Espírito se visse tolhido por uma vontade superior, que não lhe permitisse proceder a seu bel-prazer. Pode também se dar que só lhe seja permitido fazê-lo dentro de certos limites e no caso de serem tais manifestações julgadas úteis, quer como meio de convicção, quer como provação para a pessoa por ele visada.

94. A este respeito, apenas citaremos o diálogo provocado a propósito dos fatos ocorridos em junho de 1860, na rua des Noyers, em Paris. Encontrar-se-ão os pormenores do caso na *Revue Spirite*, número de agosto de 1860.

**1ª (A São Luís). Quererias ter a bondade de nos dizer se são reais os fatos que se dizem passados na rua des Noyers? Quanto à possibilidade deles se darem, disso não duvidamos.**

"São reais esses fatos; simplesmente, a imaginação dos homens os exagerará, seja por medo, seja por ironia. Mas, repito, são reais. Produz essas manifestações um Espírito que se diverte um pouco à custa dos habitantes do lugar."

**2ª Haverá na casa alguma pessoa que dê causa a tais manifestações?**

"Elas são sempre causadas pela presença da pessoa visada. É que o Espírito perturbador não gosta do habitante do lugar onde ele se acha; trata então de fazer-lhe maldades, ou mesmo procura obrigá-lo a mudar-se."

**3ª Perguntamos se, entre os moradores da casa, alguém há que seja causador desses fenômenos, por efeito de uma influência mediúnica espontânea e involuntária?**

"Necessariamente assim é, pois, sem isso, o fato não poderia dar-se. Um Espírito vive num lugar que lhe é predileto; conserva-se inativo, enquanto nesse lugar não se apresenta uma pessoa que lhe convenha. Desde que essa pessoa surge, começa ele a divertir-se quanto pode."

**4ª Será indispensável à presença dessa pessoa no próprio lugar?**

"Esse o caso mais comum e é o que se verifica no de que trata. Por isso foi que eu disse que, a não ser assim, o fato não teria podido produzir-se. Mas, não pretendi generalizar. Há casos em que a presença imediata não é necessária."

**5ª Sendo sempre de ordem inferior esses Espíritos, constituirá presunção desfavorável a uma pessoa a aptidão que revele para lhes servir de auxiliar? Isto não denuncia, da parte dele, uma simpatia para com os seres dessa natureza?**

"Não é precisamente assim, porquanto essa aptidão se acha ligada a uma disposição física. Contudo, denuncia freqüentemente uma tendência material, que seria preferível não existisse, visto que, quanto mais elevado moralmente é o homem, tanto mais atrai a si os bons Espíritos que, necessariamente, afastam os maus."

**6ª Onde vai o Espírito buscar os projéteis de que se serve?**

"Os diversos objetos que lhe servem de projéteis são, as mais das vezes, apanhados nos próprios lugares dos fenômenos, ou nas proximidades. Uma força provinda do Espírito os lança no espaço e eles vão cair no ponto que o mesmo Espírito indica."

**7ª Pois que as manifestações espontâneas são muitas vezes permitidas e até provocadas para convencer os homens, parece-nos que, se fossem pessoalmente atingidos por elas, alguns incrédulos se veriam forçados a render-se à evidência. Eles costumam queixar-se de não serem**

## **testemunhas de fatos concludentes. Não está no poder dos Espíritos dar-lhes uma prova sensível?**

"Os ateus e os materialistas não são a todo instante testemunhas dos efeitos do poder de Deus e do pensamento? Isso não impede que neguem Deus e a alma. Os milagres de Jesus converteram todos os seus contemporâneos? Aos fariseus, que lhe diziam: "Mestre, faze-nos ver algum prodígio", não se assemelham os que hoje vos pedem lhes façais presenciar algumas manifestações? Se não se converteram pelas maravilhas da criação, também não se converterão, ainda quando os Espíritos lhes aparecessem do modo mais inequívoco, porquanto o orgulho os torna quais alimárias empacadoras. Se procurassem de boa-fé, não lhes faltaria ocasião de ver; por isso, não julga Deus conveniente fazer por eles mais do que faz pelos que sinceramente buscam instruir-se, pois que o Pai só concede recompensa aos homens de boa-vontade. A incredulidade deles não obstará a que a vontade de Deus se cumpra. Bem vedes que não obistou a que a doutrina se difundisse. Deixai, portanto, de inquietar-vos com a oposição que vos movem. Essa oposição é, para a doutrina, o que a sombra é para o quadro: maior relevo lhe dá. Que mérito teriam eles, se fossem convencidos à força? Deus lhes deixa toda a responsabilidade da teimosia em que se conservam e essa responsabilidade é mais terrível do que podeis supor. Felizes os que crêem sem ter visto' disse Jesus, porque esses não duvidam do poder de Deus."

## **8ª Achas que convém evoquemos o Espírito a que nos temos referido, para lhe pedirmos algumas explicações?**

"Evoca-o, se quiseres, mas é um Espírito inferior, que só te dará respostas muito insignificantes."

95. Diálogo com o Espírito perturbador da rua des Noyers:

### **1ª Evocação.**

"Que tinhas de me chamar? Queres umas pedradas? Então é que se havia de ver um bonito salve-se quem puder, não obstante o teu ar de valentia."

### **2ª Quando mesmo nos atirasses pedras aqui, isso não nos amedrontaria; até te pedimos positivamente que, se puderes, nos atires algumas.**

"Aqui talvez eu não pudesse, porque tens um guarda a velar por ti."

### **3ª Havia, na rua des Noyers, alguém que, como auxiliar, te facilitava as partidas que pregavas aos moradores da casa?**

"Certamente; achei um bom instrumento e não havia nenhum Espírito douto, sábio e virtuoso para me embaraçar. Porque, sou alegre; gosto às vezes de me divertir."

### **4ª Qual a pessoa que te serviu de instrumento?**

"Uma criada."

### **5ª Era mau grado seu que ela te auxiliava?**

"Ah! Sim; pobre! era a que mais medo tinha!"

### **6ª Procedias assim com algum propósito hostil?**

"Eu, não. Nenhum propósito hostil me animava. Mas, os homens, que de tudo se apoderam, farão que os fatos redundem em seu proveito."



**7ª Que queres dizer com isso? Não te compreendemos.**

"Eu só cuidava de me divertir; vós outros, porém, estudareis a coisa e tereis mais um fato a mostrar que nós existimos."

**8ª Dizes que não alimentavas nenhum propósito hostil; entretanto, quebraste todo o ladrilho da casa. Causaste assim um prejuízo real.**

"É um acidente,"

**9ª Onde foste buscar os objetos que atiraste?**

"São objetos muito comuns. Achei-os no pátio e nos jardins próximos."

**10ª Achaste-os todos, ou fabricaste algum? (Ver adiante o cap. VIII.) "**

Não criei, nem compus coisa alguma."

**11ª E, se os não houvesse encontrado, terias podido fabricá-los?**

"Fora mais difícil. Porém, a rigor, misturam-se matérias e isso faz um todo qualquer."

**12ª Agora, dize-nos; como os atiraste?**

"Ah! isto é mais difícil de explicar. Busquei auxílio na natureza elétrica daquela rapariga, juntando-a à minha, que é menos material. Pudemos assim os dois transportar os diversos objetos."

**13ª Vais dar-nos de boa-vontade, assim o esperamos, algumas informações acerca da tua pessoa. Dize-nos, primeiramente, se já morreste há muito tempo.**

"Há muito tempo; há bem cinqüenta anos."

**14ª Que eras quando vivo?**

"Não era lá grande coisa; simples trapeiro naquele quarteirão; às vezes me diziam tolices, porque eu gostava muito do licor vermelho do bom velho Noé. Por isso mesmo, queria pô-los todos dali para fora."

**15ª Foi por ti mesmo e de bom grado que respondeste às nossas perguntas?**

"Eu tinha um mestre."

**16ª Quem é esse mestre?**

"O vosso bom rei Luís."

NOTA. Motivou esta pergunta a natureza de algumas respostas dadas, que nos pareceram acima da capacidade desse Espírito, pela substância das idéias e mesmo pela forma da linguagem. Nada, pois, de admirar é que ele tenha sido ajudado por um Espírito mais esclarecido, que quis aproveitar a ocasião para nos instruir. É este um fato muito comum, mas o que nesta circunstância constitui notável particularidade é que a influência do outro Espírito se fez sentir na própria caligrafia. A das respostas em que ele interveio é mais regular e mais corrente, a do trapeiro é angulosa, grossa, irregular, às vezes pouco legível, denotando caráter muito diferente.

**17ª Que fazes agora? Ocupas-te com o teu futuro?**

"Ainda não; vagueio. Pensam tão pouco em mim na Terra, que ninguém roga por mim. Ora, não tendo quem me ajude, não trabalho."

NOTA. Ver-se-á, mais tarde, quanto se pode contribuir para o progresso e o alívio dos Espíritos inferiores, por meio da prece e dos conselhos.

**18ª Como te chamavas quando vivo?**

"Jeannet."

**19ª Está bem, Jeannet! oraremos por ti. Dize-nos se a nossa evocação te deu prazer ou te contrariou?**

"Antes prazer, pois que sois bons rapazes, viventes alegres, embora um pouco austeros. Não importa: ouviste-me, estou contente."

## **Fenômeno de Transporte**

96. Este fenômeno não difere do de que vimos de falar, senão pela intenção benévola do Espírito que o produz, pela natureza dos objetos, quase sempre graciosos, de que ele se serve e pela maneira suave, delicada mesmo, por que são trazidos. Consiste no trazimento espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores. São quase sempre flores, não raro frutos, confeitos, jóias, etc.

97. Digamos, antes de tudo, que este fenômeno é dos que melhor se prestam à imitação e que, por conseguinte, devemos estar de sobreaviso contra o embuste. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação, em se tratando de experiências deste gênero. Porém, mesmo sem que tenhamos de nos haver com um verdadeiro prestidigitador, poderemos ser facilmente enganados por uma manobra hábil e interessada. A melhor de todas as garantias se encontra no *caráter, na honestidade notória, no absoluto desinteresse* das pessoas que obtêm tais efeitos. Vem depois, como meio de resguardo, o exame atento de todas as circunstâncias em que os fatos se produzem; e, finalmente, o conhecimento esclarecido do Espiritismo poderá descobrir o que fosse suspeito.

98. A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral se acha resumida, de maneira notável, na seguinte dissertação feita por um Espírito, cujas comunicações todas trazem o cunho incontestável de profundidade e lógica. Com muitas delas deparará o leitor no curso desta obra. Ele se dá a conhecer pelo nome de *Erasto*, discípulo de São Paulo, e como protetor do médium que lhe serviu de instrumento:

Quem deseja obter fenômeno desta ordem precisa ter consigo médiuns a que chamarei - *sensitivos*, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluido animalizado que lhes é próprio. "As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão, à mais insignificante sensação; as que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza são muito aptas a se tornarem excelentes médiuns, para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. Efetivamente, quase de todo desprovido do invólucro refratário, que, na maioria dos outros

encarnados, o isola, o sistema nervoso dessas pessoas as capacita para a produção destes diversos fenômenos. Assim, com um indivíduo de tal natureza e cujas outras faculdades não sejam hostis à mediunidade, facilmente se obterão os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos *inteligentes* e mesmo a suspensão, no espaço, da mais pesada matéria inerte. *A fortiori*, os mesmos resultados se conseguirão se, em vez de um médium, o experimentador dispuser de muitos, igualmente bem dotados.

Mas, da produção de tais fenômenos à obtenção dos de transporte há um mundo de permeio, porquanto, neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como, sobretudo, ele não pode operar, senão por meio de um único aparelho mediúnico, isto é, muitos médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Sucede até que, ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito que opera lhe obsta radicalmente à operação. A estes motivos a que, como vedes, não falta importância, acrescentemos que os transportes reclamam sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão com médiuns superiormente dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho *eletromediúnico* é o que melhores condições oferece.

Em geral, os fatos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar porque são e serão menos freqüentes do que os outros fenômenos de tangibilidade; do que digo, vós mesmos podeis deduzi-lo. Demais, estes fenômenos são de tal natureza, que nem todos os médiuns servem para produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium influenciado exista certa afinidade, certa analogia; em suma: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido *perispirítico* (1) do encarnado se misture, se una, se combine com o do Espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal esta fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, *uma*: do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade. Por que essa união, essa fusão, perguntareis? É que, para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do Espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio *exclusivo* do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconheceis, do vosso meio ambiente, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.

Não me é permitido, por enquanto, desvendar-vos as leis particulares que governam os gases e os fluidos que vos cercam; mas, antes que alguns anos tenham decorrido, antes que uma existência de homem se tenha esgotado, a explicação destas leis e destes fenômenos vos será revelada e vereis surgir e produzir-se uma variedade nova de médiuns, que agirão num estado cataléptico especial, desde que sejam mediunizados.

Vedes, assim, quantas dificuldades cercam a produção do fenômeno dos transportes. Muito logicamente podeis concluir daí que os fenômenos desta natureza são extremamente raros, como eu disse acima, e com tanto mais razão, quanto os Espíritos muito pouco se prestam a produzi-los, porque isso dá lugar, da parte deles, a um trabalho quase material, o que lhes acarreta aborrecimento e fadiga. Por outro lado, ocorre também que, freqüentemente, não obstante a energia e a vontade que os animem, o estado do próprio médium lhes opõe intransponível barreira.

Evidente é, pois, e o vosso raciocínio, estou certo, o sancionará, que os fatos de tangibilidade, como pancadas, suspensão e movimentos, são fenômenos simples, que se operam mediante a concentração e a dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns aptos a isso, quando secundados por Espíritos amigos e benevolentes, ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não se podem operar senão por um único Espírito e um único médium e necessitam, além do que a tangibilidade reclama, uma combinação muito especial, para isolar e tornar invisíveis o objeto, ou os objetos destinados ao transporte.

Todos vós espíritas compreendeis as minhas explicações e perfeitamente apreendeis o que seja essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a ttilidade da matéria inerte. Acreditais nisso, como acreditais nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos têm grande analogia e de que são, por assim dizer, a confirmação e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos e aos sábios, piores estes do que aqueles, não me compete convencê-los e com eles não me ocupo. Convencer-se-ão um dia, por força da evidência, pois que forçoso será se curvem diante do testemunho dos fatos espíritas, como forçoso foi que o fizessem diante de outros fatos, que a princípio repeliram.

Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são freqüentes, mas os de transporte são muito raros, porque muito difíceis de se realizar são as condições em que se produzem. Conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, visto que muitas vezes o próprio Espírito se vê obstado na execução da sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque quase sempre, entre este, se encontram elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo que, na intimidade, os ditos fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente, as mais das vezes à revelia dos médiuns e sem premeditação, sendo muito raros quando esses se acham prevenidos. Deveis deduzir daí que há motivo de suspeição todas as vezes que um médium se lisonjeia de os obter à vontade, ou, por outra, de dar ordens aos Espíritos, como a servos seus, o que é simplesmente absurdo. Tende ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem para constituir espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns

Espíritos se prestam a tais coisas, só pode ser para a produção de fenômenos simples, não para os que, como os de transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

Lembrai-vos, espíritas, de que, se é absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é de bom aviso aceitá-los todos, cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de visibilidade, ou de transporte se opera espontaneamente e de modo instantâneo, aceitai-o. Porém, nunca. o repetirei demasiado, não aceiteis coisa alguma às cegas. Seja cada fato submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo, porquanto, crede, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem que ganhar com essas pequenas manifestações, que prestidigitadores hábeis podem imitar. Bem sei que ides dizer: é que estes são úteis para convencer os incrédulos. Mas, ficai sabendo, se não houvésseis disposto de outros meios de convicção, não contaríeis hoje a centésima parte dos espíritas que existem. Falai ao coração; por aí é que fareis maior número de conversões sérias. Se julgardes conveniente, para certas pessoas, valer-vos dos fatos materiais, ao menos apresentai-os em circunstâncias tais, que não possam permitir nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não vos afasteis das condições normais dos mesmos fatos, porque, apresentados em más condições, eles fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los. ERASTO."

(1) Vê-se que, quando se trata de exprimir uma idéia nova, para a qual faltam termos na língua, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: eletromediúnico, perispírico, não são de invenção nossa. Os que nos tem criticado por havermos criado os termos espírita, espiritismo, perispírito, que tinham análogos, poderão fazer também a mesma crítica aos Espíritos.

99. O fenômeno de transporte apresenta uma particularidade notável, e é que alguns médiuns só o obtém em estado sonambólico, o que facilmente se explica. Há no sonâmbulo um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e do perispírito, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. Tal o caso dos transportes de que temos sido testemunha.

As perguntas que se seguem foram dirigidas ao Espírito que os operara, mas as respostas se ressentem por vezes da deficiência dos seus conhecimentos. Submetemo-las ao Espírito *Erasto*, muito mais instruído do ponto de vista teórico, e ele as completou, aditando-lhes notas muito judiciosas. Um é o artista, o outro o sábio, constituindo a própria comparação dessas inteligências um estudo instrutivo, porquanto prova que não basta ser Espírito para tudo saber.

**1ª Dize-nos, peço, por que os transportes que acabaste de executar só se produzem estando o médium em estado sonambólico?**

"Isto se prende à natureza do médium. Os fatos que produzo, quando o meu está adormecido, poderia produzi-los igualmente com outro médium em estado de vigília."

**2ª Por que fazes demorar tanto a trazida dos objetos e por que é que avivas a cobiça do médium, excitando-lhe o desejo de obter o objeto prometido?**

"O tempo me é necessário a preparar os fluidos que servem para o transporte. Quanto à excitação, essa só tem por fim, as mais das vezes, divertir as pessoas presentes e o sonâmbulo."

NOTA DE ERASTO. O Espírito que responde não sabe mais do que isso; não percebe o motivo dessa cobiça, que ele instintivamente aguça, sem lhe compreender o efeito. Julga proporcionar um divertimento, enquanto que, na realidade, provoca, sem o suspeitar, uma emissão maior de fluido. É uma conseqüência da dificuldade que o fenômeno apresenta, dificuldade sempre maior quando ele não é espontâneo, sobretudo com cestos médiuns.

**3ª Depende da natureza especial do médium a produção do fenômeno e poderia produzir-se por outros médiuns com mais facilidade e presteza?**

"A produção depende da natureza do médium e o fenômeno não se pode produzir, senão por meio de naturezas correspondentes. Pelo que toca à presteza, o hábito que adquirimos, comunicando-nos freqüentemente com o mesmo médium, nos é de grande vantagem."

**4ª As pessoas presentes influem alguma coisa no fenômeno?**

"Quando há da parte delas incredulidade, oposição, muito nos podem embaraçar. Preferimos apresentar nossas provas aos crentes e a pessoas versadas no Espiritismo. Não quero, porém, dizer com isso que a má-vontade consiga paralisar-nos inteiramente."

**5ª Onde foste buscar as flores e os confeitos que trouxeste para aqui?**

"As flores, tomo-as aos jardins, onde bem me parece."

**6ª E os confeitos? Devem ter feito falta ao respectivo negociante.**

"Tomo-os onde me apraz. O negociante nada absolutamente percebeu, porque pus outros no lugar dos que tirei."

**7ª Mas, os anéis têm valor. Onde os foste buscar? Não terás com isso causado prejuízo àquele de quem os tiraste?**

"Tirei-os de lugares que todos desconhecem e fi-lo por maneira que daí não resultará prejuízo para ninguém."

NOTA DE ERASTO. Creio que o fato foi explicado de modo incompleto, em virtude da deficiência da capacidade do Espírito que respondeu. Sim, de fato, pode resultar prejuízo real; mas, o Espírito não quis passar por haver desviado o que quer que fosse. Um objeto só pode ser substituído por outro objeto idêntico, da mesma forma, do mesmo valor. Conseqüentemente, se um Espírito tivesse a faculdade de substituir, por outro objeto igual, um de que se apodera, já não teria razão para se apossar deste, visto que poderia dar o de que se iria servir para substituir o objeto retirado.

**8ª Será possível trazer flores de outro planeta?**

"Não; a mim não me é possível." - (*A Erasto*) Teriam outros Espíritos esse poder?

"Não, isso não é possível, em virtude da diferença dos meios ambientes."

**9ª Poderias trazer-nos flores de outro hemisfério; dos trópicos, por exemplo?**

"Desde que seja da Terra, posso."

**10ª Poderias fazer que os objetos trazidos nos desaparecessem da vista e levá-los novamente?**

"Assim como os trouxe aqui, posso levá-los, à minha vontade."

**11ª A produção do fenômeno dos transportes não é de alguma forma penosa, não te causa qualquer embaraço?**

"Não nos é penosa em nada, quando temos permissão para operá-los. Poderia ser-nos grandemente penosa, se quiséssemos produzir efeitos para os quais não estivéssemos autorizados."

NOTA DE ERASTO. Ele não quer convir em que isso lhe é penoso, embora o seja realmente, pois que se vê forçado a executar uma operação por assim dizer material.

**12ª Quais são as dificuldades que encontras?**

"Nenhuma outra, além das más disposições fluídicas, que nos podem ser contrárias."

**13ª Como trazes o objeto? Será segurando-o com as mãos?**

"Não; envolvo-o em mim mesmo."

NOTA DE ERASTO. A resposta não explica de modo claro a operação. Ele não envolve o objeto com a sua própria personalidade; mas, como o seu fluido pessoal é dilatável, combina uma parte desse fluido com o fluido animalizado do médium e é nesta combinação que oculta e transporta o objeto que escolheu para transportar. Ele, pois, não exprime com justeza o fato, dizendo que envolve em si o objeto.

**14ª Trazes com a mesma facilidade um objeto de peso considerável, de 50 quilos por exemplo?**

"O peso nada é para nós. Trazemos flores, porque agrada mais do que um volume pesado."

NOTA DE ERASTO. É exato. Pode trazer objetos de cem ou duzentos quilos, por isso que a gravidade, existente para vós, é anulada para os Espíritos. Mas, ainda aqui, ele oitenta percebe bem o que se passa, A massa dos fluidos combinados é proporcional à dos objetos. Numa palavra, a força deve estar em proporção com a resistência; donde se segue que, se o Espírito apenas traz uma flor ou um objeto leve, é muitas vezes porque não encontra no médium, ou em si mesmo, os elementos necessários para um esforço mais considerável.

**15ª Poder-se-ão imputar aos Espíritos certas desapareições de objetos, cuja causa permanece ignorada?**

"Isso se dá com freqüência; com mais freqüência do que supondes; mas isso se pode remediar, pedindo ao Espírito que traga de novo o objeto desaparecido."

NOTA DE ERASTO. É certo. Mas, às vezes, o que é subtraído, muito bem subtraído fica, pois que para muito longe são levados os objetos que desaparecem de uma casa e que o dono não mais consegue achar. Entretanto, como a subtração dos objetos exige quase que as mesmas condições fluídicas que o trazimento deles reclama, ela só se pode dar com o concurso de médiuns dotados de faculdades especiais. Por isso, quando alguma coisa desapareça, é mais provável que o fato seja devido a descuido vosso, do que à ação dos Espíritos.

**16ª Serão devidos à ação de certos Espíritos alguns efeitos que se consideram como fenômenos naturais?**

"Nos dias que correm, abundam fatos dessa ordem, fatos que não percebeis, porque neles não pensais, mas que, com um pouco de reflexão, se vos tornariam patentes."

NOTA DE ERASTO. Não atribuais aos Espíritos o que é obra do homem; mas, crêde na influência deles, oculta, constante, a criar em torno de vós mil circunstâncias, mil incidentes necessários ao cumprimento dos vossos atos, da vossa existência.

**17ª Entre os objetos que os Espíritos costumam trazer, não haverá alguns que eles próprios possam fabricar, isto é. produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos possam operar no fluido, ou no elemento universal?**

"Por mim, não, que não tenho permissão para isso. Só um Espírito elevado o pode fazer."

**18ª Como conseguiste outro dia introduzir aqueles objetos, estando fechado o aposento?**

"Fi-los entrar comigo, envoltos, por assim dizer, na minha substância. Nada mais posso dizer, por não ser explicável o fato."

**19ª Como fizeste para tornar visíveis estes objetos que, um momento antes, eram invisíveis?**

"Tirei a matéria que os envolvia."

NOTA DE ERASTO. O que os envolve não é matéria propriamente dita, mas um fluido tirado, metade, do perispírito do médium e, metade, do Espírito que opera.

**20ª (A Erasto) Pode um objeto ser trazido a um lugar inteiramente fechado? Numa palavra: pode o Espírito espiritualizar um objeto material, de maneira que se torne capaz de penetrar a matéria?**

"É complexa esta questão. O Espírito pode tornar invisíveis, porém, não penetráveis, os objetos que ele transporte; não pode quebrar a agregação da matéria, porque seria a destruição do objeto. Tornando este invisível, o Espírito o pode transportar quando queira e não o libertar senão no momento oportuno, para fazê-lo aparecer. De modo diverso se passam as coisas, com relação aos que compomos. Como nestes só introduzimos os elementos da matéria, como esses elementos são essencialmente penetráveis e, ainda, como nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados, com a mesma



facilidade com que os raios solares atravessam uma placa de vidro, podemos perfeitamente dizer que introduzimos o objeto num lugar que esteja hermeticamente fechado, mas isso somente neste caso.

NOTA. Quanto à teoria da formação espontânea dos objetos, veja-se adiante o capítulo intitulado: *Laboratório do mundo invisível*.

# Processo dos Espíritas

*Deolindo Amorim*

Seria impossível, nas limitadas dimensões de um artigo, tentar o resumo de um livro de tal ordem. Mas o resumo já existe (e que resumo!), feito por Hermínio C. Miranda, com a clareza que lhe é própria em tudo quanto escreve. A apresentação de Hermínio C. Miranda corresponde a bem dizer a um livro. O título original é *Procès des Spirites*, agora lançado pela Federação Espírita Brasileira. Houve um processo contra espíritas na França do século XIX. Pioneiros do Espiritismo, assim como a própria viúva de Allan Kardec, já octagenária (nem lhe respeitaram a Idade!...) tiveram que comparecer à, presença de um Juiz, ouviram as acusações, suportaram o vexame de uma situação constrangedora, mas não recuaram. Houve condenações. *Leymarie* (Pierre-Gaëtan Leymarie) sofreu pena de prisão e multa. Uma das mais credenciadas figuras históricas do Espiritismo na França condenada como réu! ... Mas o ideal espírita não se apagou nem a fibra de Leymarie se enfraqueceu por causa da condenação.

Vamos ao caso. Foi no ano de 1875, o processo iniciou-se a 16 de junho. A Senhora Leymarie, que ficara no lugar do marido, na direção da Livraria Espírita e da *Revue Spirite*, conservou os documentos, que retratam à saciedade a injustiça de que fora vítima seu dedicado companheiro de lutas, e escreveu, mais tarde, a memória desse triste episódio, sob o título *Procès des Spirites*. É justamente a obra que a FEB põe, agora, nas mãos de nossa público. A maior parte está em francês, exatamente a reprodução dos interrogatórios e depoimentos, acusação e defesa, cartas, etc. Mas boa parte do livro, em português, já é suficiente para tornar compreensível o fio de toda a trama. O Prefácio, escrito pelo Presidente da FEB, nosso confrade Francisco Thiesen, esclarece bem a razão de ser e os antecedentes da publicação, cujo principal intuito, está bem claro, é trazer para os leitores e estudiosos um caso histórico, ignorado por mais de uma geração de espíritas. Diz o confrade Francisco Thiesen: "Dessarte, com a Apresentação, escrita em português por Hermínio C. Miranda, enriquecida com ilustrações noutras livros dificilmente encontráveis, a reprodução fotomecânica do inteiro teor do documentário elaborado pela Madame Marina P.-G. Leymarie, em 1875,

em francês, adquire a característica de obra a mais completa que existe sobre o secular processo." Em seguida, vem a Apresentação na qual Hermínio C. Miranda não se satisfaz em apresentar formalmente o *Processo dos Espíritos*, mas desce a fundo na análise, sob o ponto de vista psicológico, e demonstra as contradições, a má-fé nos interrogatórios e, por fim, no desfecho, inteiramente injusto.

Por que começou o caso? Porque um médium - Buguet - que exercia a profissão de fotógrafo, fora denunciado como explorador da boa-fé. Tudo se prende a fotografias de Espíritos. Houve fraude fotográfica, é certo, mas também houve provas irrecusáveis de que algumas fotografias eram realmente de Espíritos desencarnados, devidamente identificados. Buguet tinha faculdade mediúnica, o que, aliás, fica bem patente na leitura do *Processo*, mas não era um médium bem orientado, sob os princípios espíritas. Desvirtuou a mediunidade, depois de certo tempo, e caiu realmente na mistificação. Formalizada a denúncia foram arrastadas diversas pessoas que com ele mantinham relações, principalmente Leymarie, por haver publicado fotografias na Revista, a respeitada *Revue Spirite*, fundada por Allan Kardec. Três acusados: Buguet (o médium e fotógrafo), Leymarie (Diretor da Revista) e Firman (médium americano), que sentira os primeiros sintomas de sua mediunidade em Nova Iorque. Pesava sobre Alfred Henry Firman a acusação de ter "posado para Buguet de olhos fechados e, depois, estando na Holanda, de ter aparecido numa das fotografias que o Juiz chamava de fantasmagórica" (Cf. Hermínio C. Miranda) . Fenômeno de bicorporeidade, como se chama em linguagem espírita. Para o Juiz, no entanto, constituía *crime*(!) o fato de alguém aparecer simultaneamente em dois lugares. Usando até de sofismas a fim de confundir os acusados, o Juiz Millet não se colocou na posição de Juiz, pois o seu procedimento, durante todos os interrogatórios, foi ostensivamente parcial, deixando bem claro o propósito de condenar os espíritas, fosse como fosse. Foram chamadas 55 testemunhas, em dois grupos: 27 de acusação e 28 de defesa. Eis, aí, em linhas muito sumárias, o que foi o *Processo dos Espíritos*. Da leitura do volume, com todas as peças do "Processo", podemos partir para algumas considerações finais:

- a Influência da intolerância religiosa contra o Espiritismo pesou muito no julgamento;
- o Juiz Millet, como o Procurador da Justiça e outros acusadores não conheciam o assunto, nada entendiam de fenômenos mediúnicos nem de fotografias de Espíritos;
- o Juiz fez insinuações para forçar respostas a seu jeito, mas encontrou muita firmeza da parte de Leymarie, Senhora Allan Kardec e outras testemunhas;
- admirável, em tudo por tudo, a energia, o desassombro de Amélie Boudet (viúva de Allan Kardec) ao depor perante a Câmara Criminal.

Finalmente, Buguet, o médium envolvido em fraude, terminou confessando sua própria fraqueza. Leymarie, apesar de ter sido preso, não deixou de ser o mesmo homem de bem, cuja dignidade e injustiça não abateu nem "arranhou". O episódio passou já fez um século, mas o *Processo dos Espíritos* continua a ser

uma lição histórica de coragem moral e firmeza em defesa da convicção espírita. Um dos recentes lançamentos da Federação Espírita Brasileira, cuja iniciativa, como aconteceu com *Répertoire du Spiritisme*, vem preservar uma documentação de grande interesse para a História do Espiritismo. (Transcrito de "Mundo Espírita", edição de 31-7-1977, Curitiba - PR.)

# Atividade Noturna do Espírito (Desdobramento)

*Aluney Elferr Albuquerque Silva*

Durante o sono o Espírito desprende-se do corpo; devido aos laços fluídicos estarem mais tênues. A noite é um longo período em que está livre para agir noutro plano de existência. Porém, variam os graus de desprendimento e lucidez. Nem todos se afastam do seu corpo, mas permanece no ambiente doméstico; temem fazê-lo, sentir-se-iam constrangidos num meio estranho (aparentemente). Outros se movimentam no plano espiritual, mas suas atividades e compressões dependem do nível de elevação. O princípio que rege a permanência fora do corpo é o da afinidade moral, expressa, conforme a explanação anterior, por meio da afinidade vibratória ou sintonia.

O espírito será atraído para regiões e companhias que estejam harmonizadas e sintonizadas com ele através das ações, pensamentos, instruções, desejos e intenções, ou seja, impulsos predominantes. Podendo assim, subir mais ou se degradar mais.

O lúbrico terá entrevistas eróticas de todos os tipos, o avarento tratará de negócios grandiosos (materiais) e rendosos usando a astúcia. A esposa queixosa encontrará conselhos contra o seu marido, e assim por diante. Amigos se encontram para conversas edificantes, inimigos entram em luta, aprendizes farão cursos, cooperadores trabalharão nos campos prediletos, e, assim, caminhamos. Para esta maravilhosa doutrina, conforme tais considerações, o sonho é a recordação de uma parte da atividade que o espírito desempenhou durante a libertação permitida pelo sono. Segundo Carlos Toledo Rizzini, *interpretação*

*freudiana encara o sonho como apontando para o passado, revelando um aspecto da personalidade.*

Para o Espiritismo, o sonho também satisfaz impulsos e é uma expressão do estilo de vida, com uma grande diferença: a de não se processar só no plano mental, mas ser uma experiência genuína do espírito que se passa num mundo real e com situações concretas. Como vimos, o espírito, livre temporariamente dos laços orgânicos, empreende atividades noturnas que poderão se caracterizar apenas por satisfação de baixos impulsos, como também, trabalhar e aprender muito. Nesta experiência fora do corpo, na oportunidade do desprendimento através do sono, o ser, poderá ver com clareza a finalidade de sua existência atual, lembrar-se do passado, entrevê o futuro, todavia a amplitude ou não dessas possibilidades é relativa ao grau de evolução do espírito.

Verifiquemos três questões do Livro dos Espíritos, no capítulo VIII, perguntas: 400 401 e 403.

P-400 O Espírito encarnado permanece de bom prazer no seu corpo material? - *É como se perguntasse a um presidiário, se gostaria de sair do presídio. O espírito aspira sempre à sua libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu invólucro, quanto mais grosseiro é este.*

P-401 Durante o sono a alma repousa como o corpo? - *Não, o espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços entre corpo e espírito e, ele se lança pelo espaço e entra em relação com os outros espíritos sintonizados por ele.*

P-403 Como podemos julgar a liberdade do espírito, durante o sono? - *Pelos sonhos.*

O sono liberta parcialmente a alma do corpo, quando adormecido o espírito se acha no estado em que fica logo a morte do seu corpo.

O sonho é a lembrança do que o espírito viu durante o sono. Podemos notar, que nem sempre sonhamos. Mas, o que isso quer dizer? Que nem sempre nos lembramos do que vimos, ou de tudo o que havemos visto, enquanto dormimos. É que não temos ainda a alma no pleno desenvolvimento de suas faculdades. Muitas vezes somente nos fica a lembrança da perturbação que o nosso Espírito experimentou.

Graças ao sono os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. As manifestações, que se traduzem muitas vezes por visões e até mesmo, "assombrações" mais comuns se dão durante o sono, por meio dos sonhos. Elas podem ser: uma visão atual das coisas, futuras, presentes ou ausentes; uma visão do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Também muitas vezes são quadros alegóricos que os Espíritos nos põem sob as vistas, para dar-nos úteis avisos e salutares conselhos, se trata de Espíritos bons, e para induzir-nos ao erro, à maledicência, às paixões, se são Espíritos imperfeitos.

O sonho é uma expressão da vida real da personalidade. O espírito procura atender a desejos e intenções inconscientes e conscientes durante esse tempo de

liberdade temporária. Conforme o grau, tipo de sintonia e harmonia gerada pela afinidade moral com outros Espíritos, direciona-se automaticamente para a parte do mundo espiritual que melhor satisfaça essa sintonia e suas metas e objetivos, ainda que não lícitos; e aí conta com amigos, sócios, inimigos, desafetos, parentes, "mestres" etc.

Contamos ainda com mais dois tipos de sonhos. O primeiro é o *premonitório*, quando se toma algumas informações ou conselhos sobre algum acontecimento futuro. O segundo é o *pesadelo*, ou seja, o sonho ansioso, em que entra o terror. É também uma experiência real, porém, penosa; o sonhador vê-se pressionado por inimigos ou por animais monstruosos, tem de atravessar zonas tenebrosas, sofrer castigos, que de fato são vivências provocadas por agentes do mal ou por desafetos desta ou de outras vidas.

## Preparação para o Sono

Verificando o lado físico da questão, vamos ver a importância do sono, pelo fato de passarmos 1/3 de nosso dia dormindo, nesta atividade o corpo físico repousa e liberta toxinas. Para o lado espiritual, o espírito liga-se com os seus amigos e intercambia informações, e experiências.

Façamos um preparo para o nosso repouso diário:

**Orgânico** – refeições leves, higiene, respiração moderada, trabalho moderado, condução de nosso corpo quanto à postura sem extravagâncias.

**Mental Espiritual** - leituras edificantes, conversas salutares, meditação, oração, serenidade, perdão, bons pensamentos.

Todavia não nos esqueçamos que toda prece se fortifica com atos voltados ao bem, pois então, atividades altruístas possibilitam uma melhor afinidade com os bons espíritos.

## Perispírito e Desdobramento

*Embora, durante a vida, o Espírito seja fixado ao corpo pelo perispírito, não é tão escravo, que não possa alongar sua corrente e se transportar ao longe, seja sobre a terra, seja sobre qualquer outro ponto do espaço. (Allan Kardec, A Gênese, Cap. XIV, It 23).*

Gabriel Delanne, em "O Espiritismo perante a Ciência", conclui: *A melhor prova de existência do perispírito é mostrar que o homem pode desdobrar-se em certas circunstâncias.*

## Desdobramento

É o nome que se dá o fenômeno de exteriorização do corpo espiritual ou perispírito.

O perispírito ainda ligado ao corpo distancia-se do mesmo, fazendo agora parte do mundo espiritual, ainda que esteja ligado ao corpo por fios fluídicos. Fenômenos estes, naturais que repousam sobre as propriedades do perispírito, sua capacidade de exteriorizar-se, irradiar-se, sobre suas propriedades depois da morte que se aplicam ao perispírito dos vivos (encarnados).

Os laços que unem o perispírito ao corpo temporal, afrouxam-se por assim dizer, facultando ao espírito manter-se em relativa distancia, porém, não desligado de seu corpo. E esta ligação, permite ao espírito tomar conhecimento do que se passa com o seu corpo e retornar instantaneamente se algo acontecer. O corpo por sua vez, fica com suas funções reduzidas, pois dele foram distanciados os fluidos perispirituais, permanecendo somente o necessário para sua manutenção. Este estado em que fica o corpo no momento do desdobramento, também depende do grau de desdobramento que aconteça.

Os desdobramentos podem ser:

**a) Conscientes:** Este se caracteriza pela lembrança exata do ocorrido, quando ao retornar ao corpo o ser recorda-se dos fatos e atividades por ele desempenhadas no ato do desdobramento. O sujeito é capaz de ver o seu "Duplo", bem próximo, ou seja, de ver a ele mesmo no momento exato em que se inicia o desdobramento. Facilmente nestes casos, sente-se levantando geralmente a cabeça primeiramente e o restante do corpo, depois. Alguns flutuam e vêem o corpo carnal abaixo deitado, outros se vêem ao lado dos corpos, todavia esta recordação é bastante profunda e a consciência é altamente límpida neste instante. Existe uma ligação ainda profunda dos fluidos perispirituais entre o corpo e o perispírito, facilitando assim, as recordações pós-desdobramento.

**b) Inconscientes:** Ao retornar o ser de nada se recorda. Temos que nos lembrar que na maioria das vezes a atividade que desempenha o ser no momento desdobrado, fica como experiências para o próprio ser como espírito, sendo lembrado em alguns momentos para o despertar de algumas dificuldades e vêem como intuições, idéias.

Os fluidos perispirituais são neste caso bem mais tênues e a dificuldade de recordação imediata fica um pouco mais árdua, todavia as informações e as experiências ficam armazenadas na memória perispiritual, vindo à tona futuramente.

Em realidade a palavra inconsciente, é colocada por deficiência de linguagem, pois, inconsciência não existe, tendo em vista o despertar do espírito, levando consigo todas as experiências efetivadas pelo mesmo, então colocamos a palavra inconsciente aqui, é somente para atestarmos a temporária inconsciência do ser enquanto encarnado.

**c) Voluntários:** Se a própria pessoa promove este distanciamento. Analisemos algo bastante singular, nem todos os desdobramentos voluntários há consciência, pois como dissemos acima poderá haver algumas lembranças do ocorrido, existem ainda muitas dificuldades, no momento em que o espírito através de seu

perispírito aproxima-se novamente de seu corpo, pela densidade ainda dos órgãos cerebrais é possível haver bloqueio dessas experiências. É necessário salientar que o ser encarnado na terra, ainda se encontra distante de controlar todos os seus potenciais, e por isso também há este esquecimento. Haja vista, algumas pessoas até provocarem o desdobramento e no momento de consciência terem medo e retornarem ao corpo apressadamente, dificultando ainda mais a recordação.

Os desdobramentos podem também ocorrer nos momentos de reflexões, onde nos encontramos analisando profundamente nossos atos e cuja atividade nos propicia encontrar com seres que nos querem orientar para o bem, parte de nosso perispírito expande-se e vai captar as experiências e orientações devidas.

**d) Provocados:** Através de processos hipnóticos e magnéticos, agentes desencarnados ou até mesmo encarnados podem propiciar o desdobramento do ser encarnado. Os bons Espíritos podem provocar o desdobramento ou auxiliá-los sempre com finalidades superiores. Mas espíritos obsessores também podem provocá-los para produzir efeitos malefícios. Afinizando-se com as deficiências morais dos desencarnados, propiciamos assim, uma maior facilidade para que os espíritos mal-feitores possam provocar o desligamento do corpo físico atraindo o ser encarnado para suas experiências fora do corpo. A lei que exerce esta dependência é a de afinidade.

**e) Emancipação Letárgica:** Decorre da emancipação parcial do espírito, podendo ser causada por fatores físicos ou espirituais. Neste caso o corpo perde temporariamente a sensibilidade e o movimento, a pessoa nada sente, pois os fluidos perispiríticos estão muito tênues em relação a ligação com o corpo. O ser não vê o mundo exterior com os olhos físicos, torna-se por alguns instantes incapaz da vida consciente. Apesar da vitalidade do corpo continuar executando-se.

Há flacidez geral dos membros. Se suspendermos um braço, ele ao ser solto cairá.

**e) Emancipação Cataléptica:** Como acima, também resulta da emancipação parcial do espírito. Nela, existe a perda momentânea da sensibilidade, como na letargia, todavia existe uma rigidez dos membros. A inteligência pode se manifestar nestes casos. Difere da letárgica, por não envolver o corpo todo, podendo ser localizado numa parte do corpo, onde for menor o envolvimento dos fluidos perispirituais.

# Um Estudo Comparativo Sobre a Psicografia

Jáder Sampaio

## Psicografia e escrita automática: a faculdade de Staiton Moses

Os espíritas de países de língua inglesa geralmente utilizam diferentemente os termos relacionados à escrita mediúnica. A palavra **psicografia** designa os fenômenos de **escrita direta**, que Kardec denominava como **pneumatografia**. Para os médiuns escreventes, os anglo-saxões denominam sua faculdade como **escrita automática**. (ERNY, 1982. p. 42)

Um dos médiuns ingleses que nos legou uma descrição do desenvolvimento da sua mediunidade foi Staiton Moses. A psicografia (no sentido kardequiano) iniciou-se em março de 1873. Inicialmente sua escrita era miúda, irregular e lenta, de tal forma que tinha que vigiar a mão para que o ditado não acabasse incoerente ou com garatujas. Como possuísse psicografia mecânica, com o passar do tempo pode prescindir destes cuidados.

No livro traduzido para o português (MOSES, 1981) ele apresenta alguns expedientes que ele adotava, como psicografar em um determinado caderno que lhe facilitaria esta atividade (tese da impregnação pela aura psíquica), que consideramos desnecessários e improváveis nos dias de hoje.

Uma de suas preocupações era de preservar o caráter sério e os objetivos de instrução e esclarecimento através de suas faculdades, o que certamente o preservou de expor-se a espíritos levianos (encarnados e desencarnados).

As primeiras comunicações obtidas por ele tinham por comunicante um espírito que se identificava como Doctor, e que tinha o papel de instrutor do médium. Posteriormente vieram outros, mas uma peculiaridade do trabalho de Staiton Moses era a presença continuada de um espírito que se identificava como Rector, que psicografava através dele com muita facilidade, e que muitas vezes trabalhava como uma espécie de secretário de outros espíritos, isto é, escrevia o que lhe diziam. Um dos espíritos que se servia de Rector é o espírito Imperator, que ditou quase todas as mensagens que compõem o livro "Ensinos Espiritualistas".



Com o desenvolvimento de suas faculdades, Moses chegou a distrair-se intencionalmente durante as comunicações para certificar-se de que estas não provinham de si mesmo.

“De fato, as comunicações tomaram logo um caráter sobre o qual não podia eu ter dúvidas, pois que as opiniões emitidas eram contrárias ao meu modo de pensar. Distraía-me propositadamente durante o tempo em que a escrita se produzia, e cheguei a abstrair-me na leitura de um livro e a seguir um raciocínio cerrado, enquanto a minha mão escrevia com constante regularidade. As comunicações assim dadas enchem inúmeras páginas, sem haver correção nem faltas de composição, revelando muitas vezes um estilo belo e vigoroso.” (MOSES, 1981. p. 27)

Ainda nos dias de hoje alguns autores propõem que os médiuns psicógrafos em desenvolvimento façam este tipo de exercício, psicografando ao mesmo tempo em que ocupam a mente com conteúdos diversos, como é o caso de Armond (1986).

## Mecanismos da Psicografia

Encontramos dois momentos nos livros do espírito André Luiz onde este se detém a tecer considerações mais detalhadas sobre a psicografia.

Em “Missionários da Luz”, no capítulo “o psicógrafo”, o autor espiritual descreve a sua percepção de uma sessão de psicografia. Um dos pontos bem destacados pelo autor espiritual é o desenvolvimento da idéia de que o médium não é um ser passivo, um mero aparelho, mas um espírito, tendo por conseqüência, participação ativa no fenômeno da psicografia. Ele se detém na preparação do ambiente e do médium, descrevendo minuciosamente as intervenções que os espíritos fazem no sistema nervoso dos intermediários entre “dois mundos”.

Posteriormente, o autor se detém na glândula pineal, descrevendo o seu papel nas comunicações mediúnicas de uma forma geral. Ela, entre outras funções, participaria no processo de “recepção e emissão das ondas peculiares à esfera espiritual”, que se intensificaria no exercício mediúnico.

Outra descrição curiosa diz respeito à atuação dos espíritos no cérebro do médium. André Luiz descreve o espírito comunicante “vasculhando” o centro da memória do psicógrafo, minutos antes da comunicação, em busca de elementos que lhe facilitem a expressão das idéias. Outra descrição curiosa diz respeito à atuação de um terceiro espírito junto às “fibras inibidoras do lobo frontal”, o que reduziria a influência do médium no fenômeno.

Uma explicação importante que este espírito desenvolve no seu trabalho, lança luzes ao mecanismo das comunicações mediúnicas em geral, e da psicografia em especial. **O processo de “apossar-se do braço” do médium se dá com**

**intermediação do cérebro do mesmo e não diretamente sobre o braço.** No livro citado acima, ele registra uma "mudança de coloração da zona motora do cérebro" durante a comunicação através da psicografia, causada, portanto, em decorrência da atuação do comunicante. As áreas motoras do córtex cerebral são parte das grandes vias eferentes, ou seja, os impulsos nervosos seguem delas em direção aos órgãos efetutores (e não o contrário), sendo responsável pelos movimentos voluntários (sistema piramidal) ou por movimentos automáticos, regulação de tônus e postura (sistema extrapiramidal). Ao leitor que desejar mais informações sobre o assunto, sugerimos a leitura de MACHADO (1983). Em um outro livro (ANDRÉ LUIZ, 1977), o autor espiritual retoma a discussão dos mecanismos da psicografia, deixando ainda mais clara esta sua afirmação.

Com base no magnetismo enobrecido, os instrutores desencarnados influenciam os mecanismos do cérebro para a formação de certos fenômenos, como acontece aos musicistas que tangem as cordas do piano na produção da melodia. E assim como as ondas sonoras se associam na música, as ondas mentais se conjugam na expressão. (...)

Nessa base, identificamos a psicografia, desde a estritamente mecânica até a intuitiva, a incorporação em graus diversos de inconsciência, as inspirações e premonições." (ANDRÉ LUIZ, 1977. p. 133-134 - os grifos são nossos)

Outro autor que trata sobre o mesmo assunto é o neurologista (e espírita) Jayme Cerviño. Ele se detém na distinção entre a psicografia mecânica e a intuitiva, como se pode observar no parágrafo abaixo:

"Na psicografia e na psicofonia, os centros e as vias motoras que constituem a base material da linguagem escrita ou falada expressam, de modo automático, a mensagem, parapsíquica. Os médiuns psicógrafos ou escreventes são, desde Allan Kardec, classificados em intuitivos, "mecânicos" ou automáticos e "semi-mecânicos" ou semi-automáticos. A primeira categoria, válida para fins meramente didáticos, é criticável em termos de ciência." (CERVIÑO, 1979. p.129)

Cerviño entende que a diferença entre os tipos de psicografia é devido à área cerebral afetada pelo espírito durante a comunicação. A intuição envolveria as regiões pré-frontais ou pólo-frontais do córtex, sem a participação dos centros verbo-motores. Já a psicografia motora relacionar-se-ia com os centros gráficos da palavra, região cortical que atuaria dissociadamente das demais, durante o transe.

Este autor entende que os psicógrafos intuitivos são criticáveis em termos de ciência, porque nas comunicações ordinárias ficar-se-ia em dúvida se o conteúdo da

mensagem é dele próprio ou de um espírito desencarnado.

Assim como outros autores, ele considera que a palavra psicografia deveria ser empregada quando é visível a participação automática dos centros e vias motoras, ou seja, no caso das psicografias mecânica e semi-mecânica de Kardec. Não consideramos tal procedimento necessário, mas concordamos que para efeito de compreensão, dada a diferença entre os fenômenos, a classificação deva ser sempre feita por completo (psicografia intuitiva, psicografia mecânica ou psicografia semi-mecânica).

As colocações de André Luiz e Cerviño vão de encontro à tese que Pastorino (1973) levanta para a explicação da psicografia mecânica ou escrita automática com um mecanismo diferente.

“Quando a ligação do espírito se faz pelo chakra umeral, atinge em cheio o plexo braquial, provocando o que chamamos de “escrita automática” ou “psicografia automática”. Neste caso, o que o espírito comunicante escreve, não passa através do cérebro do médium, que apenas empresta a mão e o braço para o exercício da grafia” (PASTORINO, 1973. p. 80)

Pastorino não deixa claro em seu ensaio de onde tira idéias como esta. Diante deste impasse, até que sejam feitos estudos esclarecedores, nossa opinião é simpática à tese de André Luiz e Cerviño. Um estudo poderia ser realizado, analisando-se os impulsos elétricos das áreas motoras de um psicógrafo mecânico, dando base empírica para a discussão deste ponto.

## **Algumas Questões e Conclusões**

Apesar de ser uma faculdade bem difundida desde a codificação kardequiana, a psicografia ainda traz algumas questões importantes que devem ser melhor estudadas.

Haverá algum fenômeno de efeitos físicos concorrente à psicografia? Em outras palavras, se o espírito pode atuar diretamente sobre um lápis, fazendo-o mover, será possível atuar sobre a mão de uma pessoa, servindo-se do ectoplasma de algum médium de efeitos físicos? É possível que um espírito faça uma pessoa escrever sem qualquer influência psíquica? Embora a lógica nos responda que sim, não encontramos em nossa revisão bibliográfica qualquer desenvolvimento desta hipótese, seja por autores encarnados ou desencarnados. Sua aceitação implicaria na realização de uma subdivisão em classes dos fenômenos de pneumatografia e uma distinção clara entre este fenômeno e a psicografia mecânica.

Verificou-se que nem sempre há a mudança da letra do médium nos casos de psicografia mecânica. Por que isto se dá? Trata-se de uma peculiaridade deste tipo de psicografia (grau de profundidade do transe, para Cerviño) ou uma alternância entre mensagens obtidas mecanicamente e intuitivamente? Embora possamos nos perder em especulações e hipóteses, não encontramos na literatura subsídios para esta discussão.

Há médiuns dotados apenas da psicografia mecânica?

Quais os padrões elétricos e as alterações químicas do cérebro de um médium mecânico em trabalho de psicografia? Por melhores que sejam as descrições de Cerviño, ele não indica base empírica ou experimental para as suas idéias, o que nos obriga a tratá-las como hipóteses de trabalho.

Os estudos sobre a psicografia já nos ofereceram extenso material que sugere claramente a participação de espíritos tidos como "mortos" no fenômeno. No sentido oposto, em função dos mecanismos da mediunidade, mesmo os médiuns mecânicos são passíveis de influenciarem no conteúdo do material psicografado, o que demanda senso crítico e observação cuidadosa por parte dos grupos mediúnicos.

Os relatos de Moses nos ilustram o processo de desenvolvimento da mediunidade mecânica, relevando a necessidade da prática e dedicação por parte do médium, até obterem-se fenômenos com um grau de automatismo evidente. Seria extremamente enriquecedor um estudo com médiuns psicógrafos reconhecidos, onde se focalizasse o desenvolvimento das suas faculdades.

Ainda estamos no início do estudo das faculdades mediúnicas e a aceitação deste "estado da arte" talvez nos leve, mais e mais, a buscar respostas e renovar perguntas. Quem sabe assim possamos aprimorar com sensatez as numerosas atividades relacionadas à mediunidade nas casas espíritas?

## Fontes Bibliográficas

- ANDRÉ LUIZ. **Missionários da luz**. Rio de Janeiro: FEB, 1980. [Psicografado por Francisco Cândido Xavier]
- \_\_\_\_\_ **Nos domínios da mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1979. [Psicografado por Francisco Cândido Xavier]
- \_\_\_\_\_ **Mecanismos da mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1977. [Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira]
- ARMOND, Edgard. **Mediunidade**. São Paulo: Aliança, 1982.
- BOZZANO, Ernesto. **Xenoglossia**. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- CERVIÑO, Jayme. **Além do inconsciente**. Rio de Janeiro: FEB, 1979.
- ERNY, Alfred. **O psiquismo experimental**. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1978.
- \_\_\_\_\_ **O livro dos médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 1978.
- MACHADO, Ângelo B. M. **Neuroanatomia funcional**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1983.

- MIRANDA, Hermínio C. **Diversidade dos carismas** (vol. 2). Niterói-RJ.: Arte e Cultura, 1991.
- MOSES, W. Staiton. **Ensinos espiritualistas**. Rio de Janeiro: FEB, 1981.
- PERANDRÉA, Carlos Augusto. **A psicografia à luz da grafoscopia**. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1991.
- SEVERINO, Paulo Rossi. **A vida triunfa**. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1992.